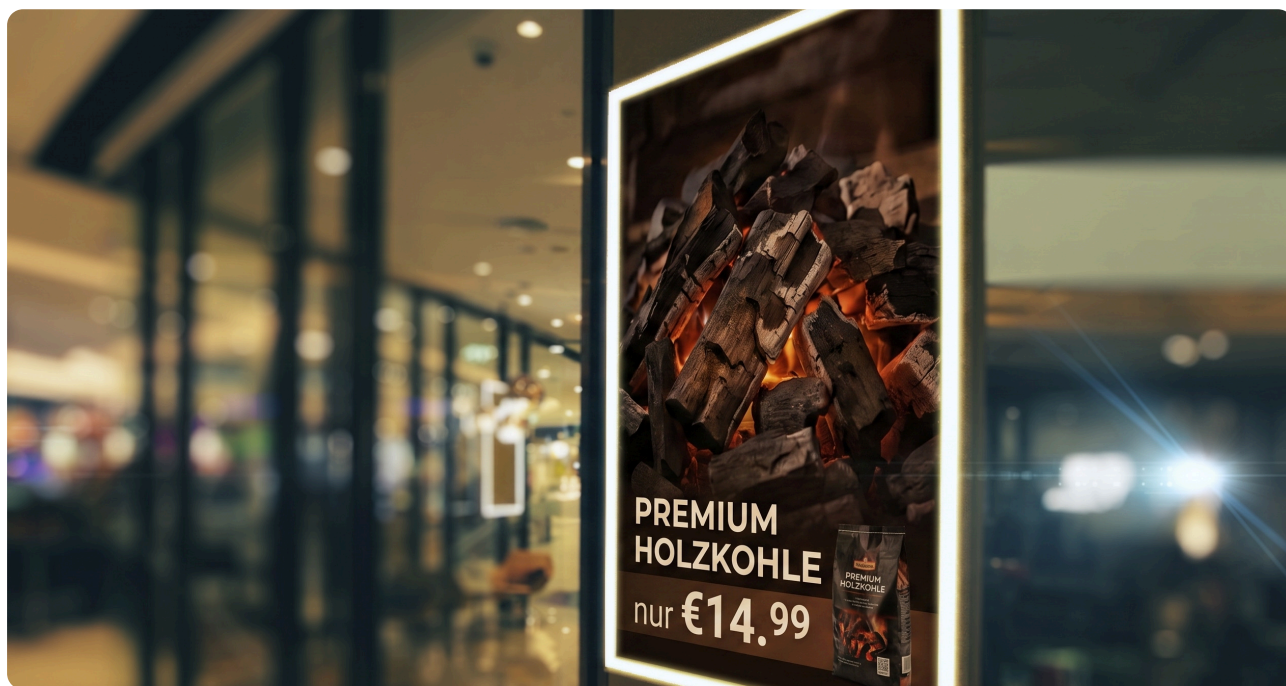


NEWS

O que um ecrã devia fazer à noite

Uma crónica sobre ecrãs que não conseguem dormir

4 de setembro de 2026, Tobias Engl



A caminho de casa, passo por uma montra onde um ecrã está aceso. Mostra uma promoção de carvão para grelhados, com o brilho no máximo, para ninguém. A loja está fechada há horas, a rua está vazia e, mesmo assim, a coisa irradia pela noite dentro, como se os clientes estivessem prestes a chegar. Pergunto-me sempre o mesmo: afinal, a quem é que ele está a mostrar aquilo?

Os ecrãs têm algo de inquieto. Uma vez pendurados, muitos ficam a funcionar sem parar, dia e noite, sempre a todo o gás. Isso custa eletricidade, custa vida útil e, às três e meia da manhã, não serve a ninguém. Uma montra que emite a noite inteira confunde presença com visibilidade.

E, no entanto, a resposta seria simples. À noite, um ecrã devia fazer o que fazem os seres sensatos: descansar. Pode reduzir o brilho quando a luz lá fora diminui e desligar-se quando a loja fecha. De manhã, arranca de novo sozinho, a tempo dos primeiros clientes. Ninguém tem de se lembrar disso, é um horário programado que trata do assunto.

Na ScreenWay, isso faz parte do ofício. Os ecrãs orientam-se pelos horários de abertura e pela luz do dia, sem que alguém tenha de percorrer as lojas à noite a carregar em interruptores. Ao longo de um ano, isso soma-se, na fatura da eletricidade e na vida útil dos equipamentos. Aqui, a sustentabilidade não é uma pose: é uma definição do sistema, no duplo sentido da palavra.

A montra no meu caminho para casa continua acesa, todas as noites. Talvez um dia alguém, também ali, mande o carvão para a cama. Até lá, o estado mais bonito de um ecrã às três da manhã continua a ser o desligado.